

## PARADIDÁTICOS DE MATEMÁTICA: UMA ESTRATÉGIA EXITOSA EM AULAS DE MATEMÁTICA

Larissa Vitória de Macedo <sup>1</sup>  
Hesdras Teles Roque de Souza <sup>2</sup>  
Micarlla Priscilla Freitas da Silva Okaeda <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a exploração de livros paradidáticos de matemática como uma estratégia exitosa nas aulas de matemática para estudantes do Ensino Médio. Realizada na escola campo de atuação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, subprojeto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, a pesquisa consistiu na ministração de uma disciplina eletiva de matemática durante o primeiro semestre de 2025, sendo apresentado uma sequência de atividades que envolviam a leitura e a escrita nas aulas de matemática. Como aporte teórico consideramos as concepções de Machado (2001) e Santos (2009), que discutem as relações entre a matemática e a língua materna, bem como Rabelo (2002) e Smole (2001) que abordam a leitura e escrita como habilidades básicas para a resolução de problemas matemáticos, e, ainda, Dalcin (2007) para tratarmos das concepções de livros paradidáticos de Matemática. A pesquisa revelou o quanto o estímulo à leitura e a escrita favorecem a participação, envolvimento e aprendizagem dos estudantes em aulas de matemática.

**Palavras-chave:** Paradidáticos de Matemática, Disciplina Eletiva, PIBID.

### INTRODUÇÃO

Quando se fala de livro paradidático é comum imaginarmos aulas de língua portuguesa, explorando clássicos da literatura, estimulando a leitura e interpretação, raramente se imagina uma aula de matemática, ou sendo ainda mais radical, nunca se imagina uma aula de matemática. Eis aí um grande problema. A matemática é comumente vista como a ciência exata

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [larissavmacedo@gmail.com](mailto:larissavmacedo@gmail.com), Bolsista do PIBID;

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [hesdrastelecont@gmail.com](mailto:hesdrastelecont@gmail.com), Bolsista do PIBID;

<sup>3</sup> Professora orientadora: Mestre, Ensino de Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [micarlla.arquivos2@gmail.com](mailto:micarlla.arquivos2@gmail.com), Professora supervisora do PIBID.



dos cálculos, aquela que se trata apenas de números e problemas muito difíceis. É dentro desse contexto que essa pesquisa se desenvolve.

No âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, subprojeto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, este trabalho tem como objetivo apresentar a exploração de livros paradidáticos de matemática como uma estratégia exitosa nas aulas de matemática para estudantes do Ensino Médio.

Tendo em vista as perspectivas relativas a intencionalidade do PIBID em contribuir para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira (BRASIL, 2025) como também as necessidades que o ensino de matemática tem em promover o conhecimento matemático e alcançar os estudantes no tocante a reconhecerem a importância que a Matemática tem para a vida, buscou-se, através de uma disciplina eletiva, realizada na escola campo de atuação do PIBID, a Escola Estadual em Tempo Integral Dr. Antônio de Souza, trabalhar a Matemática com ênfase na leitura e na escrita por meio de livros paradidáticos de matemática.

Desse modo, apresentamos esses livros como uma estratégia exitosa no ensino de matemática, tendo como base teórica as concepções de Machado (2001) e Santos (2009), que discutem as relações entre a escrita e leitura da língua materna e a matemática, bem como Rabelo (2002) e Smole (2001) que abordam a leitura e escrita como habilidades básicas para a resolução de problemas matemáticos, e, ainda, para tratarmos das concepções de livros paradidáticos, nos valemos de Dalcin (2007). Não obstante a esse estudo, ressaltamos Freire (1996) ao defender que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, reconhecendo que toda prática educativa deve partir do conhecimento que os alunos já possuem, construído em seu contexto de vida.

Concatenando a esses referenciais, descrevemos as estratégias e abordagens utilizadas nas aulas de uma disciplina eletiva destacando as impressões observadas, bem como as respostas obtidas frente às atividades propostas e os materiais utilizados, ressaltando a conexão que deve existir entre a matemática e a língua materna, tratando-as complementarmente. Neste feito, evidencia-se a participação, criatividade e autonomia dos estudantes em produzir conhecimento matemático de forma dinâmica, atrativa e leve, sem preconceitos, sem distinção entre quem sabe mais ou menos, apenas aqueles que desejam aprender.

Assim, este trabalho revela a importância de enxergar a matemática para além de números e fórmulas, enxergar a educação para além de conteúdos, enxergar a sala de aula como um ambiente de aprendizado mútuo, onde cada um, a seu modo, pode contribuir. E, o quanto acompanhar e desenvolver atividades desse porte, no âmbito do PIBID, pode fortalecer a





formação do futuro professor, permitindo-os vivenciar as mais diversas estratégias de ensino. Sendo assim, este trabalho também demonstra a importância do PIBID na formação inicial do Professor de Matemática. À vista disso, detenhamos atenção aos autores que fundamentam o nosso trabalho e dialoguemos sobre as concepções dos mesmos e as práticas realizadas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em contexto mundial, não é novidade que a Matemática e a Língua Materna andam juntas no que se refere à formação do indivíduo. Contudo, muitas vezes são tratadas de forma dissociada, como se fossem opostos. Quando se estuda matemática é só matemática, quando se estuda a língua, só se estuda a língua. Essa é uma concepção errônea de formação, de ensino, uma vez que ambas são inerentes ao ser humano, as funções básicas de sobrevivência e vê-las isoladamente pode desencadear barreiras de formação. Sobre isso, Machado (2001, p.10) afirma que existe uma impregnação mútua entre a Matemática e a Língua Materna, diz que “tal impregnação se revela através de um paralelismo nas funções que desempenham, uma complementaridade nas metas que perseguem, uma imbricação nas questões básicas relativas ao ensino de ambas”.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de trabalhos que explorem ao máximo o potencial existente quando se trabalha conjuntamente, uma vez que “a Matemática relaciona-se de forma visceral com o desenvolvimento da capacidade de interpretar, analisar, sintetizar, significar, conceber, transcender o imediatamente sensível, extrapolar, projetar” (MACHADO, 2001, p. 96). Capacidades totalmente relacionadas às competências de comunicação e linguagem materna, ou seja, não uma relação de dependência, mas uma relação de complementaridade, onde tanto a Matemática contribui para a formação da língua, quanto a língua contribui para a formação matemática.

Assim, realizar atividades de leitura e escrita nas aulas de matemática constitui uma estratégia metodológica extremamente exitosa, favorecendo o processo de aprendizagem matemática. Smole (2001, p. 31) diz que “ao produzir textos em matemática, tal como ocorre em outras áreas de conhecimento, o aluno tem a oportunidade de usar habilidades de ler, ouvir, observar, questionar, interpretar e avaliar seus próprios caminhos, as ações que realizou, no que poderia ser melhor”. De fato, é evidente o quanto o estímulo à leitura e a escrita potencializa a formação, independente da área de conhecimento, quiçá no ensino de Matemática, onde muito se atrela apenas ao cálculo. Ainda sobre isso, Santos (2009, p.127) fala que “a linguagem escrita



nas aulas de Matemática atua como mediadora, integrando as experiências individuais e coletivas na busca da construção e apropriação dos conceitos abstratos estudados”.

Diante dessas concepções, de estímulo à escrita nas aulas de matemática, percebemos nos livros paradidáticos de matemática um material potencializador. Dalcin (2007, p.27) define que “[...] os livros paradidáticos de Matemática são livros temáticos que tem a declarada intenção de ensinar, porém, ensinar de forma lúdica”. Destacamos aqui o termo lúdico como um fator atrativo, que aproxima o estudante do conhecimento, que o transporta para uma realidade acessível. Dalcin (2009) apresenta três categorias de paradidáticos de Matemática: Narrativas Ficcionais, Narrativas Históricas e Contexto Pragmático. Neste trabalho, utilizamos Narrativas Ficcionais, ou seja, apresentam o conteúdo matemático dentro de um contexto ficcional, porém numa realidade possível, que pode facilmente ser vivenciada pelos próprios estudantes.

Desse modo, ressaltamos a intencionalidade de aproximar o estudante da Matemática, fazendo-o enxergá-la nas situações básicas do seu próprio dia a dia, permitindo-os alcançar a compreensão do conceito matemático e do contexto que pode ser inserido. Rabelo (2002, p.70) diz que “durante as atividades escritas torna-se possível ampliar as representações possíveis de conteúdo através dos códigos - gráfico, numérico, verbal e simbólico, simultaneamente. O aluno estará ampliando significativamente a sua linguagem matemática”. Ou seja, o estudante precisa ter contato com os elementos que compõem a linguagem matemática para poder se apropriar de seus significados e consequentemente de compreensão dos mais diversos contextos.

Ainda sobre isso, Rabelo (2009, p.85) destaca que um texto matemático “envolve um conjunto de sinais e de signos que, através de uma construção sistemática de regras tanto da língua quanto da matemática, permitem a comunicação de ideias tipicamente matemáticas”. De fato, é imprescindível mencionar que um texto matemático possui, além da língua materna, uma linguagem própria, que é tratada universalmente, que carrega signos e símbolos próprios, que é necessário o aluno tomar conhecimento. Daí se percebe a complexidade que muitas vezes o Ensino de Matemática enfrenta, uma vez que carece de intervenção do professor a fim de mediar o conceito matemático, a apropriação da linguagem matemática e articulação com a língua materna.

Contudo, é nessa sinergia que se configura a construção do conhecimento, pela interação em diversos saberes e o papel do professor frente a esse processo de aprendizagem. Daí a importância de conectar os objetos de conhecimento matemático com as vivências dos estudantes. Sobre isso, Paulo Freire (1996) defende que ensinar, dentre tantas outras exigências,





também exige respeito aos saberes dos estudantes, levando em consideração a realidade ao qual estão inseridos, dando significado ao que estudam, afirma que cabe

“[...] ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.15)

Desse modo, percebemos a importância que é inserir o estudante num ambiente que faça sentido, que reverbere o conhecimento, mas que contemple também a sua realidade, enxergar a realidade e o além, possibilitando a partir de suas experiências vivenciar novas, adquirir novos saberes.

Frente a tudo isso que discutimos, percebemos na utilização de paradidáticos de matemática um caminho para alcançar esses propósitos, apresentando a Matemática em diversos contextos, contemplando diversos conteúdos e fomentando a prática da leitura e da escrita nas aulas de Matemática, bem como aproximando o estudante da aprendizagem matemática. Assim, apresentamos as estratégias de planejamento, sistematização e execução de uma disciplina eletiva de matemática com abordagem com Paradidáticos de Matemática.

## METODOLOGIA

De acordo com o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar as disciplinas Eletivas são unidades curriculares que tem caráter interdisciplinar, organizam-se a partir das competências e habilidades das áreas de conhecimento, norteadas por eixos estruturantes e construídas de forma autônoma pela escola, ofertada semestralmente, onde o aluno escolhe a eletiva a ser cursada. (BRASIL, 2021)

Assim, a disciplina eletiva é uma forma de compor os itinerários formativos previstos no Novo Ensino Médio, desde 2017. São disciplinas criadas pelos professores com o objetivo de ir além da área de conhecimento e conteúdo da Formação Geral Básica. Nesse sentido, é formado um cardápio das propostas de disciplinas eletivas envolvendo uma ou mais áreas do conhecimento e que abranja todo o público presente na escola. Para a inscrição nas eletivas, acontece um evento onde elas são apresentadas aos alunos de modo que eles possam escolher uma que mais lhe interesse e/ou tenha curiosidade de explorar. Dessa forma, é possível ampliar as experiências dos estudantes, dando autonomia de escolha e permitindo-os cursar algo que mais gostem ou que mais necessitem.



Diante dessa realidade, elaboramos uma proposta de disciplina que atendesse públicos diversos, tanto alunos que se familiarizem com a matemática, quanto alunos que possuem certa dificuldade ou até mesmo que não gostam de matemática. Nessa perspectiva, nasceu uma disciplina voltada para a leitura, escrita e criação de histórias em contexto matemático a fim de aproximar os estudantes da matemática por meio do desenho e da leitura e vice e versa.

Desse modo, apresentamos uma sequência de aulas, desenvolvidas no âmbito da proposta de disciplina eletiva, organizado atividades, materiais disponibilizados e mediação do professor e bolsistas do PIBID, conforme mostra o quadro 01, levando em consideração que cada encontro consiste em duas aulas de 50 minutos cada.

Quadro 01 - Sequência de aulas

ATIVIDADES	MATERIAIS	MEDIAÇÃO
<b>Atividade 1 - Três encontros</b> 1º momento: Dinâmica de apresentação. 2º momento: Dinâmica de criação de história. 3º momento: Aula de produção. 4º momento: Apresentação dos trabalhos.	Balões, cartolina branca, canetinhas coloridas, coleção de madeira, lápis, borracha.	Apresentação inicial; Organização da dinâmica de apresentação de cada aluno; Divisão de grupos e sorteio de itens para desafio de criação de história a partir de itens obrigatórios; Mediação grupo a grupo acompanhando a produção; Avaliação das produções e apresentação.
<b>Atividade 2 - Um encontro</b> Leitura dos livros da coleção “Cantinho da Matemática”. Socialização das histórias e dos elementos matemáticos contidos nelas.	Livros paradidáticos da coleção “Cantinho da Matemática”, folha de papel, caneta.	Apresentação dos paradidáticos; Divisão de grupos; Indicação da leitura compartilhada e levantamento dos elementos matemáticos presentes no texto; Condução da socialização.
<b>Atividade 3 - Quatro encontros</b> 1º momento: Conhecer paradidáticos de diversas coleções. 2º momento: Discussão em grupo sobre as possibilidades de criação de um livreto. 3º momento: Produção e revisão. 4º momento: Socialização das produções.	Folhas de papel para desenho, lápis, coleções de madeira, cera e hidrocor, canetinhas coloridas, régua, borracha, celular, tablet, computador, impressora.  Livros paradidáticos das coleções: A descoberta da matemática; Vivendo a Matemática; Contando a história da matemática; Matemática em mil e uma histórias; Pra que serve a Matemática?	Apresentação das coleções dos paradidáticos; Divisão de grupos e entrega de um exemplar de cada coleção a cada grupo; Mediação da análise das características de cada coleção; Indicação de uma criação de livreto, no formato de paradidático, a partir das referências observadas; Revisão, orientação e acompanhamento do processo criativo; Sistematização de digitalização e impressão.
Culminância das eletivas.	Produções feitas ao longo da disciplina.	Preparação dos estudantes para exposição.





Além das aulas, também foram utilizados como recurso metodológico um formulário online para coletar as percepções dos alunos acerca das aulas e atividades propostas que pode ser visualizado através do link: [PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO](#).

Todo o planejamento foi realizado de forma conjunta entre professora supervisora e bolsistas do PIBID, de modo que pode-se acompanhar todos os processos inerentes à realização da disciplina eletiva, desde a apresentação inicial à sua culminância. Desse modo, discutamos como se deu todo esse processo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do planejamento proposto, aplicamos as atividades no primeiro semestre de 2025, nas quartas-feiras pela manhã, das 10h20min às 12h, ou seja, duas aulas geminadas de 50 minutos cada. Os encontros sempre aconteceram no Laboratório de Matemática, espaço propício à criação e realização de atividades mais dinâmicas.

A cada aula, tanto a sala quanto os materiais eram organizados com antecedência de modo que os alunos sempre eram recepcionados com os direcionamentos da atividade. Tais cuidados favoreceram o andamento da aula e a participação dos estudantes. De modo que realizamos quatro atividades diluídas em nove encontros, respeitando as rotinas e programações da escola.

Assim, para melhor compreendermos a estrutura deste trabalho, vejamos as estratégias desenvolvidas nas aulas; analisemos as produções dos alunos frente às atividades propostas e os resultados obtidos com cada atividade; as respostas obtidas no formulário online e as apresentações finais.

### • Estratégias, produções e resultados na Atividade 1

Aula 1, 2 e 3: Dinâmicas de apresentação e criação de histórias matemáticas.

Na primeira aula realizamos uma dinâmica de apresentação dos integrantes da eletiva, tendo em vista que os participantes vinham das três séries de Ensino Médio oriundos de cerca de onze turmas. Assim, com o propósito de conhecermos os alunos e aproxima-los, guiou-se uma apresentação de modo que os alunos formaram duplas e após um tempo para se conhecerem, apresentaram-se uns aos outros.

No segundo momento, a sala foi dividida em cinco grandes grupos, dando início a dinâmica principal da aula, sendo organizada com vinte balões divididos em quatro categorias: personagem (músico, cozinheiro, artesão e pintor), lugar (praia, shopping, hospital e parque de diversão), objeto (martelo, lanterna, coroa, bicicleta e travesseiro) e operação matemática



(adição e subtração, multiplicação, divisão e potenciação). Posteriormente, cada grupo foi convidado a estourar um balão de cada categoria, de modo a coletarem quatro palavras diferentes que deveriam ser utilizadas para a criação de uma história e depois se reuniram para o processo criativo.

Nessas dinâmicas, notamos a participação e interesses dos alunos, todos empenhados em criar uma história que chamasse atenção, uma vez que se sentiram desafiados. Apenas um grupo demonstrou dificuldade em associar um contexto que relacionasse o conteúdo de potenciação, assim foi dado exemplos de contextos com aplicação de potência de modo a orientá-los.

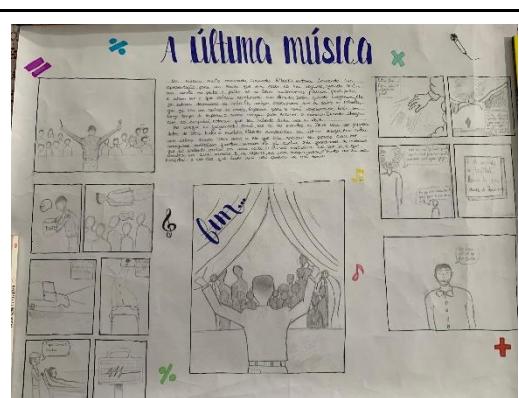
Tanto na ilustração quanto na escrita da história foi possível observar que todos os alunos participaram e abusaram da criatividade, buscaram referências de personagens e cenários e também conseguiram pensar numa forma de incluir a matemática na história deles como mostra as figuras 1 e 2, que são a produção final do grupo 1 e 4.

Figura 1 - Produção do grupo 1



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2 - Produção do grupo 4



Fonte: Arquivo Pessoal

Na apresentação, percebemos que os alunos conseguiram integrar todos os elementos sorteados contextualizados nas histórias criadas, inclusive a operação matemática, o que foi perceptível a associação da matemática no cotidiano.

### • Estratégias, produções e resultados na Atividade 2

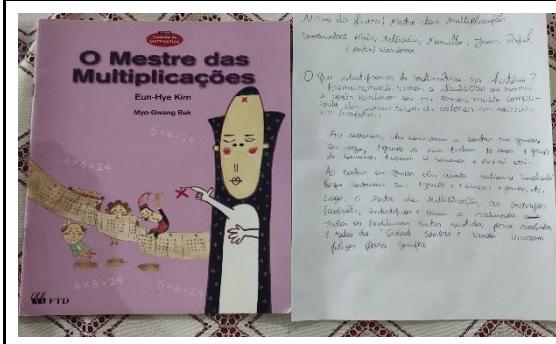
Aula 4: Leitura dos livros paradidáticos da Coleção “Cantinho da Matemática”: O Mestre das Multiplicações; Cadu na Terra dos Monstros; Cada um do seu Tamanho; e Bango, o Vendedor de Maçãs.

Cada grupo recebeu um livro paradidático e fez uma leitura compartilhada entre eles. Durante o primeiro momento foi possível observar a interação entre os componentes, envolveram-se na leitura e participaram ativamente da discussão entre os colegas do grupo.



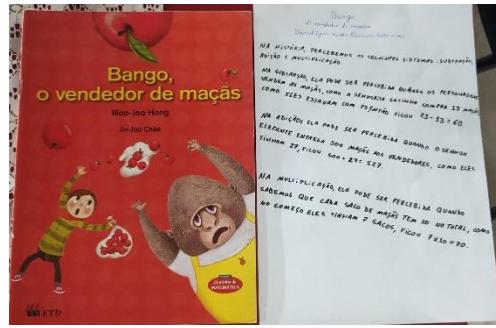
No segundo momento, todos os grupos responderam à seguinte pergunta: O que identificamos de matemática na história, e detalhamos os elementos matemáticos presentes em suas respectivas histórias conforme podemos observar nas figuras 3 e 4.

Figura 3 - Análise do grupo em relação ao paradidático “O mestre das multiplicações”



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 4 - Análise do grupo em relação ao paradidático “Bango, o vendedor de maçãs”



Fonte: Arquivo Pessoal

Cada grupo registrou no papel e expôs verbalmente para toda a turma os elementos matemáticos reconhecidos nos livros, identificaram o conteúdo matemático principal e ainda fizeram um breve resumo sobre o enredo. Os estudantes não demonstraram dificuldade em realizar a atividade proposta e se mostraram receptivos a leitura.

### • Estratégias, produções e resultados na Atividade 3

Aula 5, 6, 7 e 8: Análise de paradidáticos de matemática de diferentes coleções, produção de um livreto tomando como referência os paradidáticos vistos e socialização de produções.

Num primeiro momento mostramos aos alunos diferentes coleções de paradidáticos de matemática, apresentamos as principais diferenças entre elas, forma de abordagem, construção da escrita, imagens como ilustração e como suporte de compreensão do conteúdo abordado, identificação dos elementos e da linguagem matemática.

Em seguida, os estudantes se organizaram em grupos e manusearam exemplares de todas as coleções, percebendo as diferenças e semelhanças e discutindo os modelos que mais se identificavam.

Seguindo o fluxo da aula, foram desafiados a criar um livreto, tomando como referências os paradidáticos observados. As exigências propostas foram um livreto com, no mínimo quatro páginas e no máximo oito e que, obrigatoriamente, deveria ser tratado um conteúdo matemático, mas que a ilustração seria livre e o enredo também.

Desse modo, os grupos iniciaram as produções, sendo sempre acompanhados durante o processo e orientados em momentos de dúvidas e encaminhadas correções sempre que necessário.





Esse processo ocorreu em quatro encontros, de modo que a professora e os bolsistas do PIBID sempre estavam lendo, avaliando e orientando os grupos. Ao final da produção, cada grupo socializou com os demais participantes da eletiva e realizaram uma apresentação final na forma de exposição durante a Culminância das eletivas, onde toda a comunidade escolar pôde contemplar as produções feitas pelos estudantes.

Ainda como processo avaliativo aplicamos um questionário online, onde os estudantes avaliavam as atividades realizadas e também a sua participação e aprendizagem na disciplina.

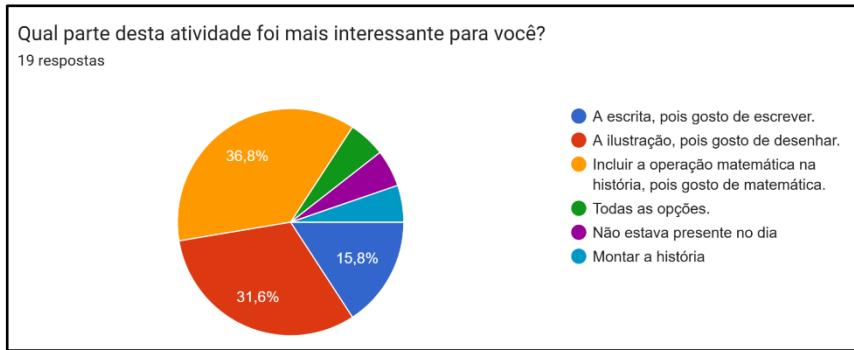
#### ● **Análise do questionário respondido pelos alunos**

Composto de 15 perguntas, entre abertas e fechadas, e divididas em seções: informações pessoais, avaliação sobre as aulas, atividades realizadas, aprendizagem matemática, estímulo à leitura e escrita e avaliação da eletiva de forma geral.

A aplicação do questionário se deu para entendermos como eles se sentiram em relação às aulas e as atividades propostas, visto que, uma coisa é observá-los e interpretarmos sua participação, outra é saber suas opiniões e sentimentos à cada aula e atividade realizada.

Com um total de 19 respostas, quando questionados sobre as dificuldades em realizar a atividade 1, apenas 2 pessoas declararam ter dificuldade em encaixar a operação matemática. Ainda sobre a atividade 1, ao questionarmos sobre o que consideravam mais interessante na atividade, 36,8% considerou incluir uma operação matemática numa história, conforme pode ser observado no gráfico 1, estando muito próximo dos que consideraram mais interessante o processo de ilustração da história, com 31,6%, e ainda os que consideraram a escrita a parte mais interessante, ficando 15,8%. Tais dados revelam o público que compôs a disciplina, alunos que gostam de matemática, alunos que gostam de desenhar e alunos que gostam de ler e escrever.

Gráfico 1 - O que os estudantes consideraram mais interessante na atividade 1.



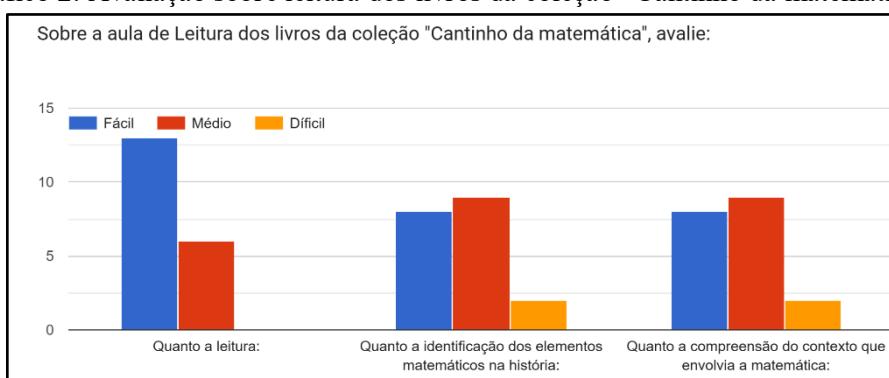
Fonte: Arquivo pessoal.

Sobre a atividade 2, leitura e identificação de elementos matemáticos na história, foi pedido aos alunos que avaliassem a atividade em fácil, médio ou difícil quanto a leitura, a



identificação dos elementos matemáticos e compreensão do texto como um todo. As respostas estão descritas no gráfico 2.

Gráfico 2: Avaliação sobre leitura dos livros da coleção “Cantinho da matemática”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os dados revelam que a atividade foi considerada intermediária, sendo a leitura o elemento mais tranquilo de realizar e menos de 5% dos alunos consideraram difícil os demais critérios, isso mostra que eles podem até ler facilmente, mas não necessariamente compreender e identificar os elementos matemáticos inseridos na história.

Acerca da atividade 3, os estudantes indicaram as seguintes respostas:

ALUNO A: *Essa dinâmica fez com que minha criatividade melhorasse ainda mais e também reforça aquela ideia da matemática está em tudo kkkk.*

ALUNO B: *Ajudei na construção da ideia do trabalho e na produção. Uma atividade diferente do comum, estimulando a criatividade e conhecimento dos grupos.*

ALUNO C: *Muito boa, pois fiz o que eu mais gosto que é desenhar.*

ALUNO D: *Para mim a experiência foi boa, porém eu e meu grupo não tivemos criatividade na criação da história, mas na parte da operação não teve dificuldade de imaginar a situação que podia representá-la*

Essas respostas revelam o envolvimento, participação e aceitabilidade dos alunos quanto às atividades realizadas. De modo que todos participaram ativamente, cada um mostrando suas principais habilidades e adquirindo novas, revelando que a proposta de aulas de matemática com paradidáticos é uma estratégia exitosa. Neste trabalho em específico, não analisaremos as produções dos livretos finais, pois serão objeto de estudo em uma futura publicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressaltamos o quão significativo este trabalho é para o ensino de matemática tendo em vista as experiências vivenciadas no âmbito de uma disciplina eletiva com proposta didática de interação entre a Matemática e a Língua materna, destacamos que o objetivo de apresentar a exploração de livros paradidáticos de matemática como uma estratégia





exitosa nas aulas de matemática para estudantes do Ensino Médio, se mostrou eficaz, uma vez que os estudantes produziram ex interagiram de forma efetiva alcançando a aprendizagem pretendida no que tange às concepções de leitura e escrita nas aulas de matemática.

Enquanto bolsistas do PIBID de Matemática e futuros professores de matemática observamos que a participação nesta eletiva contribuiu de maneira positiva, nos proporcionando experiências significativas para o processo de formação, abrindo espaço para pensamentos que ousem fugir do estigma entre a matemática e a língua materna. Além disso, nos permitiu ter uma nova proposta e estratégia de ensinar matemática e nos aproximou do que seria uma sala de aula, de como realizar atividades mais dinamizadas e, principalmente, de perceber os alunos com suas habilidades e particularidades para além do saber de um conteúdo matemático.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar.** Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <https://ensinomediotiguar.educacao.rn.gov.br/documentos/referencial> Acesso em 01 de julho 2025.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 8 jul. 2025.
- DALCIN, Andréia. **Um olhar sobre o paradidático de matemática.** In: Zetetiké, São Paulo, 2007, v. 15, n. 27.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio De Janeiro ; São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- MACHADO, Nilson José. **Matemática e Língua Materna:** análise de uma impregnação mútua. - 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2001
- RABELO, Edmar Henrique. **Textos matemáticos:** produção, interpretação e resolução de problemas. - 3. ed. rev. e ampl. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002,
- SANTOS, Sandra Augusta. Explorações de linguagem escrita nas aulas de Matemática. In: LOPES, Celi Aparecida Espasandin; NACARATO, Adair Mendes. **Escritas e leituras na educação matemática.** 1. ed.; 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SMOLE, Kátia Stocco. Textos em Matemática: Por Que Não?. In: SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez. **Ler, escrever e resolver problemas:** habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001.

